



- BERTRAND PUARD -

LUPIN

A RAINHA EM XEQUE

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



BERTRAND PUARD

LUPIN

A RAINHA EM XEQUE

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Hachette Livre, 2022.
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Copyright da tradução © Caroline Silva
Todos os direitos reservados.
Título original: *Lupin: Échec à La Reine*

Preparação: Ligia Alves
Revisão: Bárbara Parente e Tamiris Sene
Projeto gráfico e diagramação: Nine Editorial
Capa: Hachette Romans Studio
Imagens de capa: Julien Rico
Adaptação de capa: Camila Senaque

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Puard, Bertrand

Lupin: a rainha em xeque / Bertrand Puard; tradução de Caroline Silva. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
272 p.

ISBN 978-85-422-2248-7

Título original: Lupin: Échec à La Reine

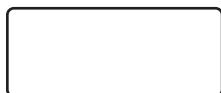
1. Ficção francesa I. Título II. Silva, Caroline

23-2412

CDD 843

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção francesa



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

Editora Planeta  **20**
Brasil ANOS

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Maiola e impresso pela Geográfica para a Editora Planeta do Brasil em junho de 2023.

2023

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



Paris, julho de 2004

Édith pensou ter ouvido algum barulho. Ela havia acabado de desligar o abajur da mesinha de cabeceira após terminar as dez páginas do livro que lia todas as noites. Nenhuma a mais, nenhuma a menos, nunca. Virava a página cinco vezes e fechava o livro. Era seu ritual noturno. Já seu marido, Jules, era adepto da política de nunca interromper um capítulo no meio. Não era por isso, no entanto, que os dois dormiam em quartos separados. Quanto ao filho do casal, Benjamin, ela preferia não pensar muito nele. Seu único filho nunca gostara de ler, e esse era um dos grandes desgostos dela. Na família, cada um tinha seus pequenos hábitos, e era justamente isso que permitia que todos se entendessem – ou pelo menos convivessem.

Pois bem, assim que apertou o interruptor do abajur e ouviu o clique de sempre, ela pensou ter ouvido outro barulho; um barulho estranho, algo como um eco, um estalo abafado que vinha do andar térreo do sobrado.

Édith se acomodou no travesseiro. No estado de Jules, ele provavelmente derrubara algum objeto no chão do escritório ou esbarrara em alguma coisa. Ao se despedir dele, que se recusara a ir se deitar apesar de já estar muito tarde, ela pôde imaginar, só pelo cheiro do hálito, a quantidade de uísque puro malte que ele deve ter bebido na noite com os amigos.

Uma quantidade imensa, sem a menor dúvida.

Houve outro barulho, algo parecido com um grito, muito rápido. Nesse instante, Édith lembrou que não tinha fechado as persianas. O quarto estava mergulhado na escuridão, mas um feixe da luz da lua iluminava a capa do romance policial, *Réquiem para uma fera*, no qual a famosa *Mulher com chapéu* de Matisse aparecia com as marcas de diversas punhaladas. A prata da lâmina da arma, ao lado de uma pena escarlate, brilhava com ironia.

Édith tateou tentando encontrar o interruptor do abajur, mas, como não ouviu mais nada, deixou para lá. E se aqueles barulhos estranhos estivessem vindo do jardim? O relógio mostrava que já era mais de meia-noite. Parecia tarde demais para que os filhos dos vizinhos estivessem brincando no jardim ao lado do sobrado. Édith balançou a cabeça. Não, claro que não. Os Anfredi eram pessoas irrepreensíveis; ele, presidente da filial francesa de um grande grupo petrolífero italiano; ela, cliente fiel do antiquário Férel, do qual Édith e o marido eram proprietários. Eram educados demais, portanto, para deixar as duas crianças fazerem bagunça no jardim àquela hora. É verdade que as noites estavam quentes naquele início de férias, mas ainda assim...

Para se tranquilizar, Édith se levantou e deu alguns passos em direção à janela. O jardim dos vizinhos estava, assim como o seu, mergulhado na escuridão. Só dava para reconhecer o topo da tenda de madeira e palha que o pai montara na semana anterior, com a ajuda de Jules e de Benjamin, para o aniversário de Alessio, o caçula do casal.

Édith voltou para a cama, mas não ficou deitada. Aqueles barulhos tão curtos quanto intrigantes tinham-na espantado de seu sono. Então, vestiu um robe de seda e foi na direção do banheiro. Sua boca estava seca, talvez seca demais. Ela precisava de um copo de água fresca.

Uma porta bateu com força no térreo. Édith teve um sobressalto e, por instinto, recuou para um canto da parede. Havia uma luz acesa no andar de baixo, provavelmente a do pequeno corredor que levava ao escritório de Jules.

A sensação de Édith era a de que o coração estava a ponto de sair pela boca. Uma barulheira daquela tão tarde da noite não era algo que

o marido faria. Hesitou em chamá-lo. De toda forma, será que ele... de repente, ouviu um “Chega!” dito em uma voz muito firme, muito alta, mas que não era de Jules.

Ele estava recebendo alguma visita? Não, ele a teria avisado se houvesse alguém de fora na casa em plena madrugada.

Mais um susto. Agora, com um barulho de vidro quebrado, muito evidente, muito nítido, vindo do escritório do marido.

Édith tentou controlar a angústia que parecia perfurar seu peito. Alguma coisa estava acontecendo lá embaixo. Alguma coisa séria. Deveria chamar a polícia? Ela deixara o celular na cozinha, então, só tinha o telefone fixo do quarto. Mas desistiu. Aquilo não devia passar de um pequeno desentendimento entre o marido e um fornecedor ou um cliente noturno. Não seria a primeira vez que Jules estaria atendendo reservadamente para fazer uma negociação que exigia discrição. *Uma transação suspeita*, como Benjamin inocentemente adorava dizer, Édith pensou. Ela seria ingênua se colocasse para dentro de casa a polícia, que vasculharia o sobrado inteiro – o que seria um grande problema para os negócios do casal. O ofício de antiquário e de comerciante de arte às vezes exigia agir à margem da lei. Era uma regra implícita do mercado que as autoridades julgavam com muita seriedade.

No andar de baixo, a discussão havia ficado ainda mais acalorada. Agitada.

Édith voltou para o quarto e fechou a porta com o maior cuidado possível. Sua garganta estava tão seca que até engolir saliva era um suplício. Ela sabia que Jules guardava um revólver na mesinha de cabeceira. Ele vivia dizendo que a arma estava sempre carregada e que bastava remover a trava de segurança para que funcionasse.

Tateando, ela encontrou o cano do revólver, que parecia congelado. Pegou a arma enquanto o barulho de vozes lá embaixo aumentava cada vez mais.

— A segunda! — Ela ouviu com clareza.

Não era a voz de Jules. Decidiu descer.

Caminhou no escuro, recusando-se a acender qualquer luz. Felizmente ela sabia de cor quantos degraus tinha a escada que levava

ao térreo, e muito tempo atrás sua cabeça havia memorizado a altura deles. Saiu do tapete e pisou no mármore, e o contato gelado do pé com a pedra foi como um choque. Quando passou em frente à porta dupla da sala de jantar, encostada à parede e com o dedo no gatilho, o cheiro adocicado do incenso armênio que Anémone acendera, conforme seu pedido, trouxe certo conforto a Édith.

Ela estava a poucos passos da porta do escritório. Deteve-se bruscamente.

— Está na hora, Férel! — esbravejou a voz.

A frase soou como um golpe. Desnorteada, Édith deu um passo desajeitado para trás e esbarrou em um pequeno pedestal sobre o qual havia um vaso Ming do século XVII, branco e azul, com estampa floral. Em desequilíbrio, o precioso objeto dançou por algum tempo entre as mãos de Édith e, enfim, foi de encontro ao mármore, espatifando-se.

Silêncio absoluto.

Houve uma breve calmaria atrás da porta do escritório. Depois, o barulho de um móvel sendo arrastado, seguido pelo ruído de uma queda.

Édith correu para a porta e, levada por uma atitude – assim ela esperava – racional, abriu-a de uma só vez.

A porta bateu contra a parede e ela ouviu um primeiro tiro.

O disparo não tinha sido feito por ela. Seu dedo, trêmulo, continuava no gatilho.

Édith distinguiu uma silhueta à sua direita prestes a sair.

— Jules! — gritou.

Mas será que era mesmo ele?

Nenhuma resposta. A luz se apagou. A porta de vidro que dava para o jardim estava aberta. Duas sombras já estavam desaparecendo. O homem que surgira em sua frente também correu. Não era Jules: era um ladrão!

Édith o encarou. O revólver fez dois disparos seguidos, com um barulho ensurdecedor. Ela não saberia dizer se as balas atingiram os fugitivos ou se tinham se perdido. Deixou cair o revólver, deu três passos para trás e afundou na poltrona do marido. Não via mais nada, não ouvia mais nada.

Não adiantava continuar chamando por Jules. Ela estava sozinha no escritório. O marido tinha desaparecido.

Alguns instantes depois, após se recuperar um pouco do susto, Édith acendeu a luz e percebeu que o escritório estava todo arrumado e que a porta do cofre estava perfeitamente fechada.

Onde estava Anémone, a cozinheira? E Joseph, o mordomo? Os dois empregados moravam ali, no térreo, do outro lado do enorme sobrado, mas os dois disparos certamente tinham acordado toda a vizinhança. Pela janela do escritório, Édith viu as luzes das casas próximas se acenderem uma a uma, formando ao redor do parque Montsouris um tipo de tabuleiro de xadrez preto e branco. Dois jardins ao lado, Dufy, o pastor-alemão de uma vizinha, latia furioso.

Trêmula, Édith pegou a garrafa de uísque do marido e serviu uma boa dose, que engoliu de uma só vez. Teve a impressão de que a bebida a rasgava ao meio, mas sentiu que estava retomando o domínio de seu corpo. Ela iria precisar de coragem nas horas – e dias – que estavam por vir.

Édith tirou o telefone do gancho, mas não havia sinal. Deu uma rápida olhada na direção da parede. A tomada fora arrancada. O celular de Jules estava ao seu alcance. Pegou-o. Ligar para a polícia? Não, com certeza não. Estava cedo demais. Ou tarde demais. Ela precisava encontrar Benjamin. Talvez ele estivesse a par daquela reunião. O pai e o filho ainda conversavam.

Com mais firmeza na mão, tentou digitar os seis números que desbloqueavam o aparelho, mas, no estado em que se encontrava, não conseguia se lembrar do código.

Concentrou-se e os três últimos números lhe vieram à mente.

... 813.

E só.

2

Benjamin Férel ajustou no nariz aquilino os pequenos óculos redondos, que tinham o desagradável costume de deslizar para baixo. *Essa armação é pesada demais... ela causa uma boa impressão aos clientes da loja, certo, mas para enxergar a tela é difícil. Preciso de uma armação de titânio, mais leve, e de lentes antirreflexo,* pensou.

Enquanto pensava, digitava com desenvoltura no teclado do computador. Fez uma pausa, suspendendo as mãos acima das teclas, suspirou e pegou uma lapiseira para escrever uma palavra em um bloquinho de anotações de capa preta: *oftalmologista*.

Foi nesse instante que seu celular começou a vibrar. Benjamin não estava vendo a tela dele. As primeiras notas de uma sonata de Chopin – produzidas em sintetizador – preencheram todo o espaço do pequeno quarto.

— Agora não — sussurrou, retomando o ritmo dos dez dedos no teclado. — Não, Assane, não vou atender. Não, chega. Já pendurei as chuteiras... já até saí de campo. Sempre vamos ser amigos, mas não vou mais me meter nas suas histórias bizarras.

Ajustou os óculos mais uma vez e fez uma pesquisa naquele novo buscador estadunidense que tinha o estranho nome de “Google” e que lhe parecia revolucionário. Estava fortemente convencido de que aquilo mudaria sua vida. Era exatamente por isso que ele tinha mandado instalar internet de alta velocidade na loja dos pais – que ele gerenciava e onde morava, no primeiro andar –, na rua de Verneuil, a menos de cem metros do Museu de Orsay.

O celular ficou em silêncio e então voltou a vibrar com toda a força. O filho dos Férel olhou para o quadro em estilo rococó que ficava à direita da tela. Havia uma foto dele ao lado de seus dois melhores amigos: Assane e Claire. Conheciam-se desde a adolescência. Eram inseparáveis.

— Uma da manhã! Sem chance — soltou Benjamin, que gostava de falar sozinho. — Vai ter que esperar o dia clarear, meu caro Assane.

Essa cena curta era um resumo muito justo, para dizer a verdade, da personalidade de Benjamin. Seu espírito, cheio de vida, dividia-se entre a ternura pelas coisas antigas, seu ofício de antiquário, e o amor pelas novas tecnologias, sua paixão plena e total.

Como a pessoa que estava atrás dele insistiu, ele acabou pegando o celular.

Não era Assane nem Claire.

Um estranho “Pai” estampado em letras garrafais parecia saltar da tela. Ele pressionou o botão verde, com o cenho franzido. Àquela hora, só podia ser urgente.

— Pai?

— Ah, finalmente você atendeu!

Reconheceu a voz da mãe e fez uma careta.

— Benjamin, com quem o seu pai tinha horário marcado hoje à noite?

— Do que é que você está falando?

O tom era seco. Ele ouviu Édith tomando mais um gole antes de responder:

— Seu pai recebeu algum cliente hoje à noite? Você sabe de alguma coisa? Ouve gritos do escritório. Depois um tiro... entendeu? Um tiro. E depois... Jules desapareceu.

— Não estou entendendo nada. Meu pai não está com você? Vocês tinham uma festa...

— Ele estava no escritório... Começou uma confusão... Ouve tiros, depois eu atirei...

Benjamin levou a mão ao rosto. Entre a voz ponderada, calma e fria que, no geral, era costumeira de sua mãe e a história desconexa, para dizer o mínimo, que ela estava contando havia um abismo imenso.

— Você deu um tiro? Em quem? Por quê?
— Não sei, não sei de nada. Você sabe de alguma coisa?
— Não. Não sigo cada passo do meu pai. Mas por que você deu um tiro?

— Fiquei com medo. Ouvi gritos. Vozes ameaçadoras...
— Será que foi roubo?
— Não sei — a mãe respondeu. — O escritório de Jules está em ordem.

— Mas ele não está em casa.
— Não.
— E o cofre?
— Trancado.

Benjamim suspirou. Será que os pais tinham bebido demais? Uma das discussões patéticas dos dois tinha acabado mal? O que ele precisava fazer agora? Estava tarde. Ele estava começando a ficar cansado. Teria forças para pedalar até a casa dos pais para assistir – muito provavelmente – a mais uma briga de casal?

De repente, teve uma ideia.

— Deixa eu falar com o Joseph, por favor?

Ele queria conversar com o mordomo. Benjamin o conhecia desde criança e sabia que era um homem profundamente equilibrado.

— Finalmente ele saiu da toca — queixou-se Édith. — Anémone também.

Édith gritou o nome do mordomo, despertando de novo a fúria do cão dos vizinhos.

— Ele está vindo do jardim.
— Deixa eu falar com ele.

Em resposta, Benjamin ouviu a mãe dar um grito estridente. E a ligação caiu.